

O CHAMADO DE DEUS NA PERSPECTIVA DA RELIGIÃO CRISTÃ CATÓLICA E DA PSICANÁLISE FREUDIANA

Ana Maria Mattos de Andrade¹

Resumo: A busca da vida religiosa consagrada na igreja cristã católica vem atravessando os milênios desde a sua fundação. Ao se dizerem chamadas por Deus, as pessoas que pretendem seguir este caminho entregam-se muitas vezes sem se questionar e, encontrando a Igreja com a demanda de novos membros, desenham um quadro que vai desde as experiências subjetivas, passando pela identificação com os grupos, até a busca de transcendência. Este trabalho apresenta, num primeiro momento, a Igreja que é buscada, situando qual Deus em que os vocacionados professam sua crença e as bases cristãs deste chamamento para a vida religiosa consagrada na antropologia teológica. Em seguida coloca as considerações freudianas sobre a religião, analisando como esta opção de vida pode ser considerada à luz da psicanálise. A conjugação destes olhares, na forma de pesquisa bibliográfica e cinematográfica aponta para uma evolução da percepção e consciência de Deus e da religião, e para a possibilidade de elaborar a estrutura fundamental do chamado religioso na subjetividade e nos contextos religioso e social.

Palavras-chave: antropologia teológica, psicanálise, vida religiosa consagrada, Igreja cristã católica.

Abstract: The search for a sacred religious life in the Christian Catholic Church has been crossing the millenniums since its foundation. When said to be called by God, people who pretend to follow this path usually deliver themselves without questioning, finding a church with demand for new members, they constitute an environment full of subjective experiences, that oscillates from identification with the groups, to the seek for transcendence. This work presents, at a first moment, the searched church, locating what is the God in which those people believe, the Christian basis of the calling for the sacred religious life at the theological anthropology. Following on are stated Freudian considerations about religion, analyzing how this life option can be considered at the light of psychoanalysis. The addition of those points of view in the form of a bibliographical and cinematographic research points out for an evolution of the perception of the conscience of god and religion, and for the possibility of elaborating the fundamental structure of the religious calling at subjectivity and at social and religious contexts.

Keywords: theological anthropology, psychoanalysis, sacred religious life, christian catholic church.

¹ Mestre em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, professora do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, ana.osvaldo@gmail.com

Introdução

Para que se entenda o panorama no qual as pessoas se sentem chamadas por Deus para a vocação religiosa consagrada é necessário analisar a conjuntura em que atualmente ocorre tal busca, situando como se apresenta hoje a Igreja, recorrendo-se ao contexto histórico com o objetivo de compreensão da estrutura fundamental da igreja.

Para examinar esta questão do ser que se sente chamado por Deus para uma vida religiosa, indagando quais seriam as motivações para uma resposta que, às vezes, torna-se tão radical a ponto de a pessoa se lançar totalmente neste percurso, delimitamos o campo buscando na antropologia teológica e na psicanálise, utilizando pesquisa bibliográfica e cinegráfica.

Estes contextos teóricos nos permitiram analisar os paradigmas que norteiam o ser humano em sua trajetória, sendo que Freud, com a psicanálise, apontou questões que lançaram suspeições sobre a religião e com isto iluminou e alavancou um conhecimento mais profundo sobre o humano. Por sua vez, teóricos da religião também elucidaram questões contribuindo para a evolução do pensamento teológico.

I - O chamado de Deus

Contextualização paradigmática

A humanidade vem atravessando, na medida em que evolui, diversos paradigmas e isto ocorre em todas as ciências. Em especial em nosso estudo, o conhecimento da Religião Cristã Católica e também da Psicanálise Freudiana:

- Iluminismo trazia novas filosofias, novos conhecimentos;
- Virada antropocêntrica: ser humano como centro, a referência;
- Emancipação do Ser Humano: processo de libertação da ignorância e da tutela da religião;
- Poder antes patriarcal e clerical passa para o Ser Humano;
- Percepção de si conduz o Ser Humano a um tempo de subjetividade;

- Saber científico: confronto do saber e obediência cega;
- Humanidade: saída do Obscurantismo, tendo vivido o Iluminismo e entrando na Modernidade.

Evolução da percepção da Imago Dei

Deus Tremendus ou Terríficus - impossível aproximação de um Deus amoroso:

- Apontado em Totem e Tabu – Freud
- Visão de Deus ambivalente: amoroso e cuidador / terrível e déspota

A humanidade vivendo questões pulsionais, com seu desejo ainda sem a função reguladora paterna, necessitava de controle e a religião entrou fazendo este controle. A visão de Deus era, então, como a da criança amedrontada diante do poder paterno. O amor a Deus era vivido como amor filial, de submissão, ódio e revolta

Evolução do conceito de Revelação

Rulla (1987) e Queiruga (2001) trabalham com o redimensionamento do conceito de revelação, pois, segundo eles, “*a revelação é a marca específica do religioso em geral*”.

A revelação entendida anteriormente, interpretada como a palavra de Deus, caída do céu e atingindo toda a humanidade, interpretada ao pé da letra e tomada radicalmente conduziu, também, a uma visão de Deus bastante extremada e não contextualizada. A leitura das passagens bíblicas, interpretadas também radicalmente, foi transformada em dogmas imutáveis, sem o redimensionamento de adaptação, acompanhando as novas gerações e a evolução das pessoas e do mundo.

A humanidade, a partir da modernidade, enfrenta uma crise religiosa sem precedentes. A necessidade de uma fé que acompanhe a evolução, o amadurecimento e a razão que marca este tempo, conduz à busca de uma interpretação mais profunda e contextualizada do fenômeno religioso e consequentemente de uma nova ideia e interpretação de Deus.

É uma tarefa que a teologia atual propõe, pois, com as grandes chaves de interpretação que as ciências nos trazem, podemos ressituar a questão dogmática, evitando que os conceitos arcaicos, impossíveis de convencer, acabem por determinar o afastamento das pessoas de sua dimensão espiritual e, à medida que esta é retomada, apontada por Queiruga (2001), lança luzes e contribui para a formação de uma consciência cristã que possa ser vivida na “*maturidade psicológica e cultural*”. (p. 22)

Queiruga propõe que se redimensione, entre outros, o significado profundo da palavra e da ideia que se tem de Deus. “*A experiência religiosa autêntica implica que Deus comunica-se a nós, aqui e agora, a todos e a cada um, de maneira sempre nova*”. (QUEIRUGA, 2001, p. 27)

Constata-se que o conflito criado e a dificuldade de elaboração de tudo isto, acabou por gerar uma incompatibilidade entre a fé e a cultura moderna. Queiruga (2001) aponta uma nova elaboração coerente, integrando os dados, ressitando-os em um novo paradigma, um novo olhar sobre a revelação.

Pressupondo-se que “Deus é amor”, que cria por amor e fazendo analogia com um pai amoroso, não se concebe, então, uma imagem de Deus parcial, mesquinho, discriminatório. Se essa imagem permeou a cultura, deve-se à interpretação “*ipsis literis*” das escrituras e à limitação do antigo paradigma de revelação.

Deus voltado com todo o seu amor sobre a humanidade luta contra nossa ignorância e nossa pequenez, contra nossos instintos e resistências, contra os nossos mal-entendidos e perversões, para abrindo-nos seu coração e iluminar para nós seu rosto, manifestar-nos a profundidade do nosso ser e a esperança do nosso destino (QUEIRUGA, 2001, p. 34).

O ser humano ao des-cobrir o mundo, descobre algo que já estava lá. Ora, se estava lá é porque algo estava a se manifestar. Então, em certo momento o homem “se deu conta” da revelação divina.

Queiruga tece a reinterpretação de Deus em três eixos:

- **Deus aparece como a afirmação criadora**, estando em constante ato criador e mostrando ao homem a possibilidade de confiança na vida e mostrando que, por amor, Deus coloca o ser

humano em existência. De uma busca de Deus na debilidade e no limite humano pode-se, então, encontrá-lo na plenitude do viver

- No segundo eixo, onde **Deus se coloca como paternidade salvadora**, Queiruga (2001) propõe que a visão de Freud (1996, v. XIX) sobre a ilusão com a relação à religião, também lança luzes para o novo passo. Segundo Queiruga, a partir de uma religião inquestionável, falada por Freud, houve a possibilidade de uma maior consciência do sujeito crente. Descobriu-se que era preciso crescer também na fé, despojar-se aí da ilusão infantil.
- O terceiro eixo, de acordo com Queiruga (2001), traz **Deus como encarnação realizadora** onde a Igreja irá realizar a dimensão essencial da sua confissão que é, essencialmente, respeitando a liberdade do ser humano e acolhendo o que já é existente na santidade divina: a liberdade, a igualdade e a fraternidade proclamada por Cristo.

A imagem de *Deus tremendus* evoluindo na direção de Deus amoroso, aproxima-se da imagem do rosto de Deus paterno revelado por Jesus. “*O amor ágape constitui o motivo básico do fenômeno cristão*” (QUEIRUGA, 2001, p. 110).

A Contribuição de Freud

Em *Totem e Tabu*, *Futuro de uma ilusão*, *Mal-estar na civilização*, e *Moisés e o Monoteísmo*, Freud desvenda a psicodinâmica das crenças e emoções religiosas; estabelece a correlação entre as representações de Deus e a figura paterna; e os sentimentos religiosos à experiência e o vínculo com o pai. Destacamos a partir daí o quanto a vida de Freud influenciou em sua obra e em seu pensamento e ainda como resultou num chamado a desconstruir o ilusionamento acerca da religião

Freud e a Religião

Freud faz mudanças paradigmáticas fundamentais para a evolução das ciências. Essas mudanças iniciaram-se a partir da própria vida de Freud. Ele deparou-se com Deus, ainda criança, reagindo com imitação infantil e entusiasmo.

Em sua teoria, Freud propõe que a criança vai formando, desde cedo, a sua representação de Deus e que é correspondente à sua percepção dos pais, aos quais dá status de onipotência.

A biografia de Freud revela que ele vai sendo introduzido por sua ama desde cedo à Igreja Católica, onde lhe é apresentado um Deus invisível. Este tempo marca a vida de Freud a ponto de ele brincar de sacerdote. Deus adquiriu o primeiro significado no discurso infantil e no investimento emocional de Freud

Freud afirma em sua teoria que o pai é sempre o primeiro objeto a ser exaltado e sublimado em um ser divino. Em *Futuro de uma Ilusão e Mal-estar na Civilização* encontra-se que o desamparo da criança e o reconhecimento do desamparo por parte do adulto, impelem a uma reação defensiva, uma busca de proteção que, por sua vez, conduz à formação da religião.

A importância do objeto materno, para a concepção de Deus da criança pequena, está relacionada à vinculação positiva, advinda da satisfação das necessidades, das trocas afetivas, entre mãe e filho, cria condições psíquicas e emocionais de confiança, que mais tarde se transferem para a crença em Deus.

Freud ao postular sua teoria passa rapidamente pela figura materna e se fixa predominantemente no pai. Freud, quando criança, é cuidado pela ama pois, sua mãe engravidara logo depois que ele nasceu. A ama passa a ser a pessoa mais próxima, iniciadora das questões religiosas e visão religiosa.

A vida psíquica e afetiva do pequeno Freud dependia dos cuidados da ama a quem ele associa à vida e a mãe passa a estar associada, pelo distanciamento, à ausência/morte. As primeiras representações de Freud sobre Deus sofreram uma dualidade: (ama = Deus que dá a vida) x (mãe = Deus ligada à morte). Provavelmente o deus invisível apresentado à Freud pelo catolicismo fosse associado, pela via do inconsciente, à mãe distante e ausente. Como poderia ele encontrar o Deus presente se a ama jamais substituiria a presença materna?

A mãe de Freud era emocionalmente inacessível, voltada para si mesma, exigente, possessiva. Sua ama contribuiu para seu crescimento, autoestima, sentimento de grandeza, estimulou a sua sexualidade e o introduziu na esfera do divino. A ama parte inesperadamente e Freud se viu sozinho, experimentando o aterrorizante desamparo da infância. Freud volta-se para o pai em busca de proteção e auxílio. O pai poderia oferecer-lhe a segurança que necessitava, procurava um meio para continuar vivendo. Estava decepcionado com tantas perdas.

Em busca de um pai protetor, Freud encontra no pai um ótimo objeto para ressignificar sua representação de Deus como um pai grande e poderoso. Quando a catástrofe atinge o pai que perde todos os seus recursos tornando-se incapaz de sustentar a família e ainda trazendo mais filhos ao mundo, começa a desmoronar para Freud a figura paterna. Ao perceber que o pai não era tão sábio e nem poderoso passa a criticá-lo e entrando em intenso sofrimento. As queixas com a profunda decepção que o genitor lhe causara foram disfarçadas diante da proibição imposta de que não poderia criticar o pai e de que este não admitia. Foram delegados a Freud, os estudos das irmãs e conferiram-lhe autoridade no conselho de família. Aos 10 anos, ficou incumbido de encontrar um nome para o novo filho de seu pai e, nesta época, teve uma nova decepção com um tio, que fora condenado por falsificação e daí a percepção de que os homens da família não podiam oferecer, nem proteção, nem integridade.

Adolescente, sem proteção e emocionalmente sozinho, sem um pai para elevar a Deus, sem outro homem para se identificar e ao mesmo tempo idealizado por seus pais, Freud começara a substituir seu pai, como pessoa encarregada da família. Tornou-se o provedor da família inteira

A mãe tinha necessidade da sua presença e o pai também o preferia e expressava. Houve, portanto, uma inversão das idealizações, à medida que o pai o idealizara e transferia para ele os deveres paternos. “A inversão de papéis com seus pais surgiu também na inversão de papéis com Deus”. (RIZZUTO, 2001, p. 237)

Estas situações vividas por Freud são as mesmas que ele evocou como sendo fonte da necessidade da religião: desamparo, terrores infantis e a necessidade de consolo. O contato com as lembranças infantis era extremamente doído e, portanto, não havia nada que pudesse ser transformado numa representação de Deus. “A única escolha psíquica de Freud era a que ele fez: ele ficou sem Deus”. (RIZZUTO, 2001, p. 238)

Freud torna-se então um ateu convicto onde os ideais do ego adolescente corresponderam ao que foi colocado por seus pais. Tornou-se autossuficiente e teve inexoravelmente que aceitar a realidade da sua vida. A morte de seu pai foi descrita por ele como a mais dura perda na vida de um homem. A reação a esta morte foi um renascimento dos pensamentos religiosos regidos pela negação, pelo deslocamento e pela sublimação.

Freud não teve como evocar suas representações de Deus para auxiliá-lo nesta perda representativa. Segundo Rizzuto (2001), a representação de Deus não poderia ser revivificada porque estava vinculada à ama e à mãe e não ao pai e nenhuma representação seria aceitável para Freud, depois da formação do ideal de ego com rejeição da dependência e da necessidade de consolo.

Após a morte do pai, Freud negou-se a pensar sobre a vida após a morte, entretanto, fez mudanças físicas e psíquicas. Mudou-se para um novo consultório, decorou-o com estátuas florentinas que, segundo ele, “eram extraordinariamente revigorantes”; entusiasmou-se com o novo livro sobre os sonhos e criou a autoanálise sentindo-se compelido a explorar seu mundo interior.

Se, na visão de Freud, Deus não é nada mais do que um pai glorificado e suas representações não eram possíveis devido ao rebaixamento do pai, qual seria então a dimensão paterna projetada por Freud?

Encontram-se na correspondência entre Freud e Pfister algumas respostas. Nestas cartas, existe um Freud aberto e respeitoso avançando em sua teoria, firme em suas descobertas. Após a morte de Freud, o pastor Pfister escreve o que percebeu em suas cartas e visitas.

Numa dessas correspondências Freud pergunta a Pfister: “Por que nenhum de todos os seus devotos criou a psicanálise, por que foi necessário esperar por um judeu completamente ateu?” (1996, p. 86)

A resposta de Pfister foi a de que a devoção ainda não significa gênio de descobridor e que os devotos não foram dignos de produzir estes resultados. Pfister reconhece o gênio que Freud era, bem como a sua dignidade.

(...) o senhor não é ateu, pois quem vive para a verdade vive em Deus, e quem luta pela libertação do amor, segundo João 4,16, permanece em Deus. Se o senhor se conscientizasse e experimentasse a sua inserção nos processos mais amplos, o que a meu ver é tão necessário, como a síntese das notas de uma sinfonia Beethoveniana para formar a

totalidade musical, eu gostaria de dizer também do senhor: “Jamais houve cristão melhor” (WONDRACEK, 1998, p. 87).

Era necessário um distanciamento da religião para que se produzisse uma construção teórica de semelhante porte. No sistema religioso patriarcal estavam todos aprisionados pela lei paterna, a mesma que impedia Freud de reclamar contra seu pai.

A devoção implicava uma dívida eterna em função da culpa (do assassinato do pai), portanto de-votos, impossibilitados de lançar outros olhares, não poderiam produzir semelhantes resultados. Freud tinha razão em sua teoria quando dizia que somente um filho poderia resgatar a culpa do assassinato do pai.

Freud torna-se um judeu sem Deus, distancia-se e fica livre para interpretar; mata a visão do Deus vigente para o crescimento da humanidade. O olhar pela libertação e pela verdade só foi compreendido mais tarde pela religião e Freud morreu sem experimentar sua inserção nos processos mais amplos desta sinfonia universal.

(...) Rendo-me inteiramente ao destino, como convém a uma pessoa honesta, tenho um desejo secreto: de modo algum uma enfermidade prolongada, nenhuma paralisia da capacidade produtiva por um sofrimento corporal. “Morrámos dentro da armadura como diz o rei Macbeth”. Realizou-se, pois pelo menos, o desejo de acuidade intelectual, de uma morte na armadura régia de um pensador (FREUD, 1996, v. I, p. 194).

Se Freud compara a religião a uma neurose obsessiva universal, não é para detratá-la, ao contrário, ele sustenta sua eficácia contra um certo intolerável que haveria nas pulsões. Este regramento das pulsões através da religião traria o aspecto benéfico de sua pacificação incluindo aí um possível controle sobre as exigências da civilização (SOARES, 1997, p. 2).

Partindo de seus estudos psicanalíticos e aceitando a teoria da evolução, Freud des-vendou, ou seja, des-cobriu o véu que encobria a história da humanidade, da mesma forma que, em análise, se des-venda as histórias individuais que, à interpretação, causam certo espanto e às vezes, horror.

Mais do que alienação produzida pela religião, Freud denunciou o estado de inconsciência que a humanidade vivia, lançando, assim, a possibilidade de uma vida mais consciente e mais livre.

Muitos são os pontos de vista para se lançar olhares de interpretação à luz da psicanálise bem como à luz da religião. O que fica adstrito ao nosso tema é o que se delinea na questão de Freud em sua vida.

Deparamo-nos com desejo de contribuição para a humanidade. Um desejo que corresponderia ao sentir-se chamado a realizar algo. Observando-se o percurso desenvolvido em sua vida, Freud foi passo a passo construindo, de maneira, talvez não muito consciente, a realização deste desejo.

Segundo Soares (1997), a psicanálise nomeia como sintoma tudo aquilo que visaria produzir sentido na vida do ser humano, donde as respostas que o sujeito procura dar frente aos enigmas e mistérios da vida que definiriam pelo seu modo de ser são no fundo seu sintoma, donde conclui que o sintoma é uma resposta e ao mesmo tempo uma produção de sentido. Se o desejo de Freud era um sintoma de sua vida, uma produção de sentido, essa então é a parte boa do sintoma, pois sua obra confirma isto.

O Chamado de Deus – o filme²

Iniciando com a ordenação sacerdotal, o filme revela jovens, mães e pais demonstrando seu desejo de fazer percurso no caminho vocacional. Percebe-se o estranhamento por parte dos amigos. O autor revela a fé do povo, suas esperanças e expectativas relacionadas ao chamado.

A questão do desamparo fica evidente, pois colocações como desejo de salvação, a bondade, a paz, casa própria, que o mundo melhore, surgem misturadas à expressões de afeto e esperança. Encontra-se a identificação Pai/Deus e Mãe da Terra/Mãe do Céu, surgindo, ainda, colocações da ordem religiosa como uma família.

² ***O CHAMADO DE DEUS*** (documentário, direção de José Joffily). **Sinopse:**

Seis jovens vocacionados revelam como se decidiram pela vida religiosa. Três deles, hoje seminaristas da Igreja Católica, preparam-se para tornar-se padres e espalhar a fé cristã segundo a espiritualidade da Renovação Carismática. Outros dois rapazes e uma moça também atenderam ao Chamado, seguindo uma linha mais próxima à Teologia da Libertação. Acreditam que, para ser fiel ao Chamado, é preciso tornar-se inserido na realidade dos fiéis, contribuindo para reivindicar e concretizar seus ideais. Aqui religião e política não podem ser dissociados. Segundo eles, estariam atendendo ao Chamado de Deus, mas também à uma convocação da realidade. A discussão desses dois grupos através de depoimentos acaba por projetar o destino da Igreja Católica no Brasil nos próximos anos.

As reações das famílias e dos amigos às colocações dos vocacionados sobre suas escolhas seriam motivo de estudo à parte, pois trazem expectativas dos pais sobre os jovens, revelando sinais do desejo de seus genitores. Reações tais como espanto, medo de que tivessem enlouquecido, resignação, preocupação quanto à procriação e satisfação revelam uma situação que aponta para o quanto ainda essa escolha é inesperada.

As colocações sobre o chamado, passam uma ideia sempre remetendo a um desejo de Deus, a um dom de Deus e a uma convocação da realidade na direção de ajudar ao próximo e doar a vida por uma causa.

Conclusão

Com a evolução da ciência, com a constatação de equívocos na escolha deste caminho, com a preocupação em relação aos problemas surgidos no percurso da formação dos sacerdotes e religiosos, tornou-se necessário um olhar mais apurado na identificação destas vocações, uma escuta mais refinada do dinamismo pessoal, grupal e familiar destas pessoas.

Se, ao longo do processo da evolução humana, foram construídos uma consciência e o inconsciente, que Freud descortina em sua obra, temos aí, implícito, um chamamento, ou seja, o ser humano ao se perceber implicado no processo do viver e do morrer, ao se perceber à mercê das pulsões, cria formas de lidar com tal fato, buscando alívio e solução.

Essencialmente a vida é pro-vocação: pelo paradigma pulsional a vida pro-voca até o alívio, até a satisfação pulsional. Temos uma primeira verdade de chamamento que é o chamamento pulsional, ou seja, um chamado à vida que pulsa. A identificação desta con-vocação à vida, em primeiro lugar ocorre de maneira intuitiva e inconsciente e gradualmente o sujeito toma consciência ou não. Para fazer dela uma opção, o sujeito faz um longo percurso de des-coberta pessoal.

Se todos celebram a ordenação é, provavelmente, porque existe um desejo, desejo de que exista alguém se consagrando, desejo que alguém esteja neste lugar. Se há um desejo, há uma e-vocação para que a comunidade se manifeste na forma de resposta de alguns de seus membros.

Ao chamado de ser consagrado há um desejo de estar neste lugar e estar neste lugar é também estar envolto num mistério e, portanto, existe perigo. O chamado de Deus como identificação com o Salvador é uma identificação onipotente em ser o salvador dos oprimidos e se libertar da opressão da sua vida.

Os perigos desta escolha tão radical e de colocar-se por estar consagrado, fora da lei do sexo, com o voto de celibato O desejo do grupo social bem como o desejo da mãe é explicitado no filme de que para ela seria melhor que os filhos não se casassem.

Percebe-se ainda no filme, que o pai não está presente e nem está na palavra, é desconhecido; o desejo de remeter todos os seus filhos a Deus é, pela psicanálise, o desejo de entregá-los ao pai, o que, em nível do inconsciente, é um desejo de que eles avancem no desenvolvimento.

Bingemer (1993) afirma que falar de Deus na perspectiva da fé cristã, sempre foi falar a partir de uma experiência, porque a fé cristã nos fala de um Deus encarnado, ou seja, profundamente interrelacionado com o humano, um Deus que se fez humanidade. Encarnada e humana, portanto, particular, universal e total, na dimensão de alteridade, a experiência da fé cristã abrange o contexto particular e histórico reconhecendo a existência de si mesmo, de suas limitações e também do outro que sinaliza para um Outro ainda maior que nada consegue abarcar A relação cristã se constitui particular porque é subjetiva e com sua alteridade, que é o outro e de um Outro maior.

É essa experiência que pode reconhecer o Deus que é esse Outro, objeto de desejo e razão de ser. A experiência de Deus é ao mesmo tempo não perceber coisa nenhuma, não ver nada e participando de uma visibilidade e uma experimentabilidade universal, um Deus que *“se revela e manifesta na face e na carne do outro, no tecido social e histórico em que este outro vive sua condição encarnada e sua existência concreta”*. (BINGEMER, 1993, p. 61)

A experiência religiosa, inicialmente apresenta um denominador comum que é uma inclinação irresistível pelo mistério do Outro, que alavanca um impulso de aproximação, um desejo pelo mistério que atrai e seduz. Ao mesmo tempo provoca um distanciamento pela percepção do próprio limite e impotência, um certo atemorizamento, uma humildade diante do mistério.

Bingemer (1993), coloca que o Eros divino apresenta-se sempre mais forte que o ser humano, vencendo as suas resistências e impondo-se por sua majestade e que Deus é

para o homem objeto de desejo. “Deus é, portanto para o homem a quem atrai para si, objeto de desejo, não necessidade; da ordem do gratuito e não, do necessário, do inteligível, do controlável”. (BINGEMER, 1993, p. 81)

As múltiplas vertentes, que canalizam o que o sujeito identifica como sendo o chamado de Deus para a vida consagrada, denunciam as dimensões que o compõe: dimensão histórica, dimensão da espiritualidade e dimensão da subjetividade.

O sujeito que se percebe convidado, que se sente chamado a pertencer á igreja de Jesus, de se consagrar e viver a missão proposta pela igreja faz vinculação com esta instituição.

Identificando-se com as características das diversas faces que a compõe, bem como, aos seus carismas tais como, a Igreja Instituição, a Igreja Carismática, a Igreja da Pregação e a Igreja da Libertação (Libânio). Esta identificação acontece numa articulação com as dimensões de espiritualidade e subjetividade.

A dimensão da espiritualidade, do amor cristão, do encontro com o mistério da absoluta alteridade, do desejo de ser iniciado na experiência do sagrado, pressupõe que o sujeito entre num processo, desde o simples conhecimento de si até a vivência mística é, portanto, um estado de re-criação, de re-velação, um chamado a ser, a construir-se.

Compreendendo a inserção da Trindade, o Deus dos Cristãos Católicos, entende-se que o crente é um ser chamado a gerar-se no Espírito Amoroso de Deus e aí crescer. A visão de Deus como afirmação criadora, como paternidade salvadora e como encarnação realizadora abre a possibilidade do sujeito saindo de sua visão de Deus infantilizada crescer na direção do encontro, enquanto adulto, com Deus, totalmente Outro.

Há, na dimensão da espiritualidade, o chamado à experiência do indizível, do inominável, à busca do “*Eros divino*”. Encontra-se aí um estado de revelação continuada, ou seja, a cada etapa vencida pela pessoa, descobre-se uma nova percepção de Deus e, portanto, chamada a auto-transcendência humana, na direção do amor de Deus e no amor ao próximo.

Na dimensão da espiritualidade encontra-se também o aspecto profético do chamado, quando o sujeito identifica-se como co-criador com Deus, chamado a anunciar a palavra de Deus, a anunciar a vida em Deus.

A dimensão da subjetividade, campo onde a psicanálise, com sua excelência interpretativa tem muito a contribuir, mostra o sujeito com seu modo de viver, com sua

história, com sua linguagem, com sua cultura, com suas demandas, com suas identificações.

Nesta dimensão inscrevem-se as etapas do desenvolvimento humano, as características da personalidade, a formação da identidade, as questões de gênero, o desenvolvimento da afetividade, das relações com os outros da história do sujeito.

A psicanálise nomeia como sintoma, tudo aquilo que visaria produzir sentido na vida do ser humano. O que se denomina chamado para a vida religiosa, pela psicanálise seria a resposta que o sujeito procura dar frente aos enigmas e mistérios da vida e que vão definir seu modo de ser no mundo, portanto, seu sintoma que, sendo resposta, é produção de sentido.

O chamado, identificado pelo sujeito religioso, pode, diante da demanda, ser analisado na forma em que surge como fantasia e culpa, como trauma fixado no inconsciente influenciando as escolhas e respostas à vida.

A psicanálise lançou desafios que influenciaram na compreensão do homem e na abrangência deste estudo, do homem religioso. Esta revela que o desmoronamento da ilusão e a revelação do indivíduo a si próprio, poderá, liberado de seus enganos, aproximar-se e unido a outros homens, ser capaz de construir um caminho comum.

Freud com sua construção teórica ocupou seu lugar na sinfonia universal, como escrevia Pfister, denunciou o complexo religioso, em seu significado histórico, na evolução e em seu aspecto patológico, apontou a necessidade de uma função paterna reguladora, negando um Deus visto sob a ótica distorcida, apontou uma saída para a humanidade, a que denominou sublimação, onde o ser humano canaliza as forças pulsionais, onde o sujeito pode viver sua dimensão altruísta.

Freud apontou para um além das forças pulsionais, um para além denunciado pelo deslize do desejo, um para além na direção do saber, uma *sublime-ação*, uma ação amorosa em favor do outro

Entretanto a Centelha Divina, que habita dentro de cada ser, continua desafiando e se revelando, para além da clínica e vai na direção de cura, do encontro com esta Verdade, no caminho de mais Vida.

Referências

- A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- BINGEMER, M. C. *Alteridade e vulnerabilidade*. São Paulo: Loyola, 1993.
- BINGEMER, M. C. *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo: Loyola, 1992.
- BINGEMER, M. C.; FELLER, V. G. *Deus trindade: a vida no coração do mundo*. Espanha: Siquem Ediciones, 2002.
- BIRMAN, J. *Psicanálise, ciência e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- BOFF, L. *Experimentar Deus*. Campinas: Verus, 2002.
- BOFF, L. *A santíssima trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- Carta Encíclica – *Fides et ratio*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- CODINA, V. *Creio no Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- COMBLIN, J. *Antropologia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COSTA, J. F. *A-Deus: sobre a psicanálise e a religião*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- Dicionário de teologia bíblica. São Paulo: Loyola, 1979.
- DOR, J. *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar editor, 1991.
- DROGUETT, J. G. *Desejo de Deus*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- DURRWELL, F. X. *O Pai Deus em seu mistério*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- ECO, H. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FREUD, S. O ego e o id (1923-1925). In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. XIX, 1996.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. XXI, 1996.
- FREUD, S. Moisés e o monoteísmo. (1937-1939) In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. XXIII, 1996.
- FREUD, S. A psicologia de grupo e a análise do ego (1920-1922). In: FREUD, S.. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII, 1996.

- FREUD, S. Publicações pré-analíticas e esboços inéditos. (1886-1899). In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. I, 1996.
- FREUD, S. Totem e tabu. (1923-1925). In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. XXIII, 1996.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905). In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. VII, 1996.
- GUIMARÃES, A. E. *A paternidade no confronto entre a psicanálise da religião e fé*. São Paulo: Zahar, 1999.
- IMODA, F. *Psicologia e mistério*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- JOFFILY, J. *O chamado de Deus*. Disponível em: <http://www.terra.com.br/cinema>. Acesso em: 01 de maio de 2003.
- JULIEN, P. *O manto de Noé: ensaio sobre a paternidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.
- KUHN, T.S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- LAPLANCHE; PONTALIS. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LIBÂNIO, J. B. *Cenários da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1999.
- LIMA, J. F. *Pulsão e libido*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.
- LOSADA, M. *A vida religiosa enquanto instituição*. Rio de Janeiro: Loyola, 1992.
- MACKENZIE, J. L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984.
- MANONNI, O. *Freud: uma biografia ilustrada*. Rio de Janeiro: Zahar editor, 1994.
- MUNÓZ, R. *O Deus dos cristãos*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- PFIMMER, T. *Freud, leitor da Bíblia*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- QUEIRUGA, A. T. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- QUEIRUGA, A. T. *Recuperar a criação*. São Paulo: Paulus, 1999.
- RIZZUTO, A. M. *Porque Freud rejeitou Deus*. São Paulo: Loyola, 2001.
- ROUDINESCO, E. *Dicionário de psicanálise*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 1998.
- RULLA, L. M. *Antropologia da vocação cristã*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- RUPOLO, H. *Un estudio sobre el Moisés de Freud*. Argentina: Nacal, 1993.

SOARES, C. E. L. V. *Em nome do pai: um estudo sobre a culpa e a angústia*. Rio de Janeiro: PUC, 1997.

VIDAL, M. *Nova moral fundamental*. São Paulo: Paulinas, 2003.

WONDRACEK, K. H. *O futuro e a ilusão*. Petrópolis: Vozes, 2003.